jornal aldrava cultural
ISSN 1519-9665

ALDRAVA LETRAS E ARTES
CNPJ 04.937.265/0001-71
JORNAL ALDRAVA CULTURAL
Utilidade Pública Municipal
Lei n° 022/90 - 26/03/2009

ANO XII /// Nº 99 /// SETEMBRO / NOVEMBRO / 2012
MARIANA - MINAS GERAIS / BRASIL

Qualis CAPES - C

ALDRAVIAS SELECIONADAS

01
triste
coração
que
persiste
a
solidão
(Loureth Teixeira Pontes Rosa
-E.M. Agnes P. Machado)

02
ciúmes
de
mim
bobeira
sem
fim
(Supervisora Silvia Cristina de Oliveira
-E.M. José Maria dos Mares Guia)

03
amor
de
mãe:
perfume
de
flor
(Alessandra Silvestre M. de Carvalho
-E.M. José Maria dos Mares Guia)

04
quando
uma
alma
vai
outra
volta
(Rafael D. Borges - 4º ano
-E.M. Agnes P. Machado)

05
facebook
amigos
retratos:
fofoca
em
dia!
(Maria Eduarda
-E.M. Agnes P. Machado)

06
noite
sem
calor
dia
sem
amor
(Flaviane -5º ano
-E.M. Agnes P. Machado)

07
sol
no
céu
calor
no
peito
(Lucas Martes
-E.M. Maria da Glória Tavares)

08
caderno
inspiração
hoje
ato
profundo:
amor
(Professora Tatiane
-E.M. Agnes Pereira Machado)

09
noturno
ameaçado
não
é
agressivo:
Lobo Guará
(Maria Fernando
-E.M. Agnes P. Machado)

10
Caraça
cinzenta
emoldura
morro
de
minas
(Professora Janete
-E.M. Maria Glória T. Chamonge)

11
tristeza:
coração
des
pedaçado
no
peito
(Welliton
-Catas Altas)

12
lua
cheia
água
do
mar
areia
(Yuri Cristian Motta de Carvalho
E.M. José Maria dos Mares Guia)

13
o
sol
debruçado
no
mar
apaixonado
(Gabriel Lima
-Catas Altas)

POETAS E POETINHAS ALDRAVIANISTAS

[Produção de Aldravias em oficinas de incentivo à Leitura e à Literatura promovidas pela Aldrava Letras e Artes]

OFICINA DE POESIA NO CARAÇA

No dia 24 de outubro de 2012, os poetas aldravistas de Mariana, Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J.B.Donadon-Leal e J.S.Ferreira ministraram a oficina de incentivo à leitura, ao livro e à literatura, na Semana do Livro. no Caraça (MG).

O evento lítero-cultural é promovido, anualmente, pela Bibliotecária Vera Garcia, com participação do Pedagogo e Membro Efetivo do InBrasCI-MG, Tião Crispim e do Guia Turístico, Toninho Morais.

As escolas que participaram da oficina foram: Escola Municipal José Maria dos Mares Guia; E.M. Maria da Glória Tavares Chamonge, de Barão de Cocais; e Escola Municipal Agnes Pereira Machado; de Catas Altas.

O poeta e professor da UFOP, José Benedito Donadon-Leal falou sobre a trajetória do Movimento Aldravista e sobre a nova forma de Poesia criada pelos poetas do Movimento: Aldravia.

Os alunos, também, produziram e declamaram suas primeiras Aldravias, para colegas e espectadores da oficina.

Os textos estão sendo divulgados pela equipe da Aldrava Letras e Artes em *blogs*, *sites*, *facebook* e periódico, além de serem enviados por *e-mail*, para incentivar a leitura no ambiente virtual.

No final da Oficina de Aldravias, alunos, professores e a bibliotecária do Caraça receberam graciosamente os livros: *Pés no Chão* (crônicas, de Andreia Donadon Leal), *Óbvias Liberdades* (poesia infanto-juvenil, de Donadon-Leal), *Poesia de Bolso* (CLESI), *Filipe e Seus Barquinhos* (Goretti de Freitas), *Beiral Antigo* (poesia, de Gabriel Bicalho) e exemplares do *Jornal Aldrava Cultural* ////////////////////////////

//// *Fonte:* http://sendahaicais.blogspot.com.br/

POUSADA "CONTOS DE MINAS" reservas@pousadacontosdeminas.com.br www.pousadacontosdeminas.com.br
RUA ZIZINHA CAMELLO, 15 - CENTRO = MARIANA / MG /// FONE: 0(xx)(31) 3558-5400

Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha //
RUA SALOMÃO IBRAHIM DA SILVA, 78. CENTRO–MARIANA-MG / Fone: (031]- 3557-2475

Vitrais: a diáspora dos signos

Magna Campos
(Mestre em Letras: discurso e representação)

O olho é aquilo que foi comovido por um certo impacto do mundo.{Merleau-Ponty}.

Ler é sempre e em qualquer circunstância um desafio de retirar do silêncio sentidos possíveis e prováveis e trazê-los à tona para apreciação. Mas a leitura da imagem é ainda mais desafiadora e, muitas vezes, polêmica.

Na obra aqui colocada sobre leitura, intenta-se um diálogo com os signos nela em luta. Toma-se como texto de leitura a tela intitulada "Vitrais", da artista plástica, Deia Leal, cujo estilo é proposto como metonímico e não metafórico como é comum de se esperar da arte.

A artista em questão faz parte de um "movimento artístico-literário", nascido há 12 anos, no interior de Minas Gerais, intitulado de Aldrava. Para esse movimento, *[a] Arte Aldravista é expressão de liberdade, romper barreiras formais de produção e ousar criar conceitos novos, é Arte Metonímica, em que autor e leitor percebem porções daquilo que é possível. O leitor metonímico é aquele que busca algo que só ele viu.A obra aldravista não é presa a uma forma exclusiva e está autorizada a ser experimentação de formas compostas de qualquer substância [...] A obra aldravista não é presa a uma forma; molda-se à forma que melhor seja expressão de um indício de conteúdo. A arte aldravista está autorizada a ser experimentação de formas compostas de qualquer substância – som, imagens, letras, sinais, figuras, matérias sólidas, vazios.* (DONADON-LEAL, [200?], p. 1)

Por isso, a metonímia é a função carreadora de sentidos buscada na produção dos escritores e dos artistas plásticos pertencentes ao movimento.

Todavia, como o estranhamento pode estar presente nas interpretações de leitores que, acostumados à função metafórica da arte, promovem uma relação de luta, na tentativa de significar esse novo texto, dotado de outra função; assim, procura-se fazer, sumariamente, uma leitura dessa diáspora dos signos, promovida pelo movimento, em um exemplar de texto pertencente à corrente aldravista de produção artística.

O conceito de diáspora é mais comumente empregado nos estudos de identidades e de subjetividades, no entanto, como se verifica que essa nova linguagem artística, a aldravista, configura identidades múltiplas, perpassada por um traço em comum, a fragmentação metonímica proposital e a força da experimentação de indícios de conteúdo, parece ser bastante apropriada uma leitura dessa diáspora sígnica.

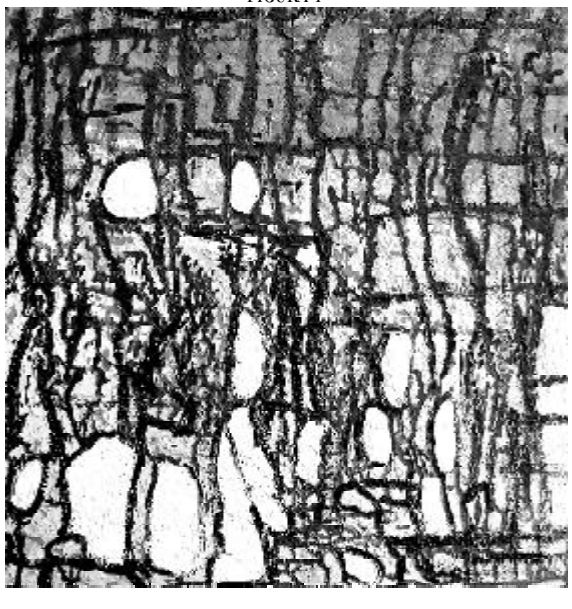
O conceito de diáspora se apoia sobre uma concepção binária dediferença: por um lado está fundado em uma ideia que depende da construção de umOutro, e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. O que, em seu manifesto, o aldravismo descarta, pois se diz sem a pretensão de superar tendência alguma, apenas busca aproveitar as portas discursivas abertas pelo pós-modernismo. Por outro lado, tem-se a percepção da diferença cujo significado é crucial à cultura, uma vez que este não pode ser fixado definitivamente, já está sempre em movimento, assim tornando-se constantemente híbrido (HALL, 2003).

Nessa concepção, o binarismo do sentido e do não sentido são perpassados pelo processo mais fluido do "fazer sentido". Assim, a força subversiva dessa tendência hibridizante desarticula certos signos e rearticula de outra forma seu significado simbólico.

Desta forma, a tela-texto "Vitrais", acende-se sob o olhar do leitor, em cores amarelo, vermelho, verde, azul e preto, sem mostrar seu contexto, simplesmente promove o primeiro contato sensorial pela luminosidade. O acrílico empregado dialoga com a vidraçaria de um vitral-objeto, transpondo para o vitral-representação a sensação do quebrável, do delével.

As pinceladas dadas da esquerda para a direita orientam o olhar prospectivamente, lançando o desafio de deixar passar a luz à frente, ao futuro talvez. As formas e as cores formam texturas indiciais de um jogo de tensões entre espaço e luz, na luta pela atenção do olhar.

FIGURA 1



Mas como saber se essa era a proposta da artista? Não se saberá, e também não importa, pois *na arte metonímica – autor e leitor percebem porções daquilo que é possível, segundo seu critério de julgamento. O sujeito da produção da arte metonímica é criativo quanto mais inova no quesito: o que é que somente eu vi. O leitor metonímico é aquele que busca algo que só ele viu. A liberdade e a metonímia tornam-se os pilares da arte aldravista.* (DONADON-LEAL, [200?], p. 1).

Na luta pelo indício de conteúdo e não pelo significado, a tela promove o "fazer sentido" naquela proposta simbólica e conceitual, pois não negocia o cenário da imagem que produz – metáfora –, apenas sugere um "naco" do conteúdo que escolheu trabalhar – metonímia. Assim, não fosse o título dado à obra, as possibilidades de sentidos seriam vazadas pelas incertezas do que se trata.

Apresentada assim, fragmento da realidade, descontextualizado, implode as barreiras do sentido previsto e adentra a pluralidade sígnica, reinterpretando o espaço e a forma, livres do elemento tempo, já que abre mão do contexto, e figura como um reduto do olhar que busca aquilo que só ele viu. Ao não reconhecer os elos, previsíveis, entre contexto e texto, aquele que olha é levado a calcar-se no indício sensorial daquilo que vê, lendo a tela e não sobre a tela.

Portanto, a luta sígnica é a trajetória entre a semelhança e a diferença que perpassa o movimento a que esta obra pertence e alcança a própria obra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

HALL, Stuart. Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DONADON-LEAL, J.B. O que é aldravismo. Jornal Aldrava Cultural. Disponível em:

http://www.jornalaldrava.com.br/pag_quem_somos.htm.

Acesso em: 14 out. 2012.

Figura 1: Vitral Acrílica sobre eucatex – 40x40 – 2010.
AUTORA: DEIA LEAL / Mariana-MG.

ALDRAVIA

[de ADL para GAEL]

Andreia Donadon Leal
[Mariana-MG]

safiras
fanel
nos
olhos
do
Gael

CENTRO MÉDICO DE DIAGNÓSTICO
Rua André Corsino, 142- Centro - Mariana/MG Fone /Fax: 0XX31 - 3557-3550

u@info
Computadores, acessórios, manutenção e rede. ⇨Fone: 0--31 - 3832-1462
Av. Castelo Branco,180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.

TRANSAMÉRICA FM 92,5
(031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082
SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS

"No princípio era o Verbo": perspectivas *benjaminianas* e *lucakcsianas* sobre o narrador, a narração e a descrição em *O pai Goriot*.

Mariana De-Lazzari Gomes
// Mestranda em Literatura / UFV //

Resumo: Este ensaio propõe uma discussão a respeito do narrador, da narração e da descrição em *O pai Goriot* – de Honoré de Balzac -, na perspectiva do *Narrar e Descrever* de George Lukács e na perspectiva de *O Narrador*, de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Narrador; Narração; Descrição.

"No princípio era o Verbo e o verbo era Deus e o Verbo estava com Deus e o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (JOÃO, 1:14).

O excerto supracitado serve como ponto de partida para uma discussão, no que tange ao narrador, à narração e à descrição em *O pai Goriot* – de Honoré de Balzac -, na perspectiva do *Narrar e Descrever* de George Lukács e na perspectiva de *O Narrador*, de Walter Benjamin.

Em princípio, cabe indagar: quem (ou o quê) é o "Verbo"? Sendo bíblico, o Verbo não significa a palavra de Deus e sim que a palavra é Deus. Sendo humano, quer dizer "*s.m. (lat. verbu)* 1 Palavra, expressão, elocução. 2 *Gram.* A palavra que exprime, por flexões diversas, o modo de atividade ou estado que apresentam as pessoas, animais ou coisas de que se fala" (WEISZFLOG, 1998).

Bíblico ou humano, o verbo pressupõe elocução, que pressupõe forma de exprimir o pensamento por meio de palavras. Sendo expressão do pensamento por meio de palavras, o verbo habita entre nós, os que narram, os que descrevem e os que apenas escrevem. Habitando entre nós, o Verbo de Balzac narra e descreve. Descrevendo, introduz o elemento dramático. Narrando, nos leva à moral da história.

Balzac inicia *O pai Goriot* em tom de colóquio com o leitor:

> O carro da civilização, qual o do ídolo de Jaggernat, apenas atrasado por um coração menos fácil de ser esmagado que os outros e que lhe refreia a roda, logo o quebrou e continua seu desfile glorioso. Assim farão vocês, vocês que seguram este livro com uma mão branca, que afundam numa poltrona macia dizendo a si mesmos: talvez isto me divirta. Depois de ler os secretos infortúnios do pai Goriot, jantarão com apetite, debitando sua insensibilidade ao autor, tachando-o de exagerado, acusando-o de poesia. Ah! Pois fiquem sabendo: este drama não é uma ficção nem um romance. *All is true*: ele é tão verdadeiro que todos podem reconhecer seus elementos em si mesmos e, talvez em seu coração (BALZAC, 2008, p. 18).

A atitude de falar com o leitor nos remonta à supremacia da narrativa proposta por Lukács (1968), quando este diz que o narrar incita a imaginação a tomar outro rumo, provocando o escritor a pôr-se defronte com o poder vir a ser, tanto por parte dele mesmo quanto de suas personagens. Balzac não se limita a ser um contemplador dos acontecimentos, até porque suas personagens que aspiram à nobreza se espelham nas suas próprias aspirações.

Importa ressaltar que, ao fazermos a analogia entre o desejo de ascensão das personagens de *O pai Goriot* e de seu autor, queremos nos referir à trajetória contada por Balzac, no que diz respeito à consolidação do espaço da burguesia europeia a partir da Revolução Francesa. Seduzida pelo poder, esta burguesia passa a reproduzir os mecanismos de exclusão do proletariado no que se referia à tomada de decisões, fossem estas de ordem econômica, política ou cultural. Assim, em função do capital, a burguesia necessitava de rapidez na informação, bem como de histórias que efetivamente a transfigurassem. Analogicamente, quem lhe proporcionou isso foi Honoré de Balzac, o que coaduna, mais uma vez, com a perspectiva de Lukács (1968), segundo a qual o narrador instiga a apreensão da realidade como um procedimento incessante de mudança, ou seja, como um movimento que se encontra em contínua percepção do novo.

Por outro lado, parece contraditório embasar a supremacia da narrativa balzaquiana em Lukács (1968), quando este coloca:

> Já Balzac sublinhava [...] a importância da descrição como meio de composição essencialmente moderno. [...] Balzac salienta que a tendência literária representada por ele (e da qual ele considera Walter Scott o fundador) assinala maior importância à descrição (LUKÁCS, 1968, p. 55).

Contudo, mais adiante, o próprio Lukács (1968) diz, a respeito da descrição, que

> Balzac vê claramente que este método não lhe pode mais bastar. [...] A descrição exata da pensão Vauquer, com sua sujeira, seus odores, seus alimentos, sua criadagem, é absolutamente necessária para tornar realmente de todo compreensível o tipo particular de aventureiro que é Rastignac (LUKÁCS, 1968, p. 55).

E afirma:

> Ainda que prescindamos do fato de que a reconstituição do ambiente não se detenha, em Balzac, na pura descrição, e venha quase sempre traduzida em ações [...], verificamos que a descrição, nele, não é jamais senão uma ampla base para o novo, decisivo elemento: o elemento dramático. Os personagens de Balzac, tão extraordinariamente multiformes e complexos, não se poderiam mover com efeitos dramáticos tão convincentes se os fundamentos vitais dos seus caracteres não fossem tão largamente expostos (LUKÁCS, 1968, p. 56).

Observemos: "aliás, sua panturrilha carnuda, saliente, prognosticava, tanto quanto seu nariz comprido e largo, qualidades morais às quais a viúva parecia dar importância e que eram confirmadas pelo rosto lunar e naturalmente simplório do homenzinho" (BALZAC, 2008, p. 35). Temos aqui a comprovação da importância da descrição para o movimento dramático das personagens balzaquianas. Em uma leitura superficial e desavisada, soaria estranho que panturrilha e nariz pressagiassem qualidades morais. É a descrição de Balzac que nos leva a apreender que as tais qualidades morais apreciadas pela Sra. Vauquer no pai Goriot são, na verdade, indicadores, a princípio, de que ele seria rico.

Ficando claro que, na perspectiva *lukacsiana*, em *O pai Goriot* a descrição é utilizada como suporte narrativo, retomemos o colóquio com o leitor e façamos um contraponto com o narrar na perspectiva *benjaminiana*, ao nos adiantar que o livro não se trata nem de ficção nem de romance e que sua história é tão verídica que qualquer um pode reconhecer em si mesmo os elementos que a compõem, Balzac se coloca, sob a ótica de Benjamin (1994), como romancista, não como narrador, pois a perspectiva *benjaminiana* não é a de exigir que a narrativa busque uma revalorização dentro do romance, como propõe Lukács (1968). Para Benjamin (1994) o advento do romance moderno enquanto gênero é simultâneo à decadência da narrativa.

De fato, se levarmos em consideração que o romance, na forma de seu precursor, o folhetim, foi fonte de ensinamento estético para a burguesia leitora do século XIX, dona do capital e vazia de cultura, Benjamim (1994) tem toda a razão: Balzac não foi um narrador, nem em *O pai Goriot* nem em toda a *Comédia Humana*. Nessa perspectiva, Balzac faz parte do rol de escritores que prefiguraram o romance, cuja origem "é o indivíduo isolado, que não pode mais exemplarmente falar de suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los" (BENJAMIM, 1994, p. 201).

Se pensarmos, então, que pai Goriot, embora seja a personagem que dá nome à história, não é a principal e sim a conexão entre todas as outras personagens cujos destinos já estão projetados, aí é que Benjamin (1994) confirma sua razão: se os ricos permanecerão ricos e esnobes, se a gentinha da pensão Vauquer prosseguirá abrutalhada e ignara, se algumas boas pessoas - tais como Victorina, a viscondessa prima de Rastignac e o próprio pai Goriot – meramente saem de cena, é porque, *benjaminianamente*, esta história não narra; ao contrário, é um romance e, como tal, obedece às mutações mundanas, explicitadas, cada vez mais, pela permuta das antigas histórias, sucessivamente surpreendentes e renováveis por outras que estarão apenas aptas a provocar interesse enquanto são novas.

Entretanto, a despeito da diferença de ângulo das reflexões que Lukács (1968) e Benjamim (1994) desenvolvem sobre o narrador, o narrar e o descrever, parece que Balzac se consagrou tal como o Verbo, se fez carne e habitou entre nós.

Referências:

Texto literário:

- BALZAC, Honoré de. O pai Goriot. Tradução de Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2008.

Textos teóricos:

- BENJAMIM, Walter. O narrador. In.: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. 7. ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.197-222.
- LUKÁCS, George. Narrar ou descrever. In.: Ensaios sobre a literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. pp. 47-99.

Texto de apoio

- BÍBLIA. N. T. João. Português. Bíblia Sagrada. Reed. Versão de Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. das Américas, 1950. v. 12, p. 367-466.
- WEISZFLOG, Walter. Verbo. In.: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

CRISTAIS E COMPANHIA
FÁBRICA DE JÓIAS E SEMI-JÓIAS EM PEDRAS PRECIOSAS
⇨criscompanhia@bol.com.br FONE: (31) 3557-1471
⇨RUA DIREITA, 85 - CENTRO - MARIANA / MG

X-DENT CROMG-3523 Digital
Dra. ANA MÁRCIA M. S. ARAÚJO
CROMG 33939
Telelefone: (31) 3557-1415
Rua Frei Durão, nº 176 - Centro/Mariana-MG

JARDIM DE PALMEIRAS

Humberto Martins
[Ponte Nova-MG]

1
Jardim de Palmeiras
tão perto de todos
as crianças pulando
com gritos no ar
fazendo algazarras
livres das amarras
que o tempo as faz
cheias de paz.

2
Até o nosso Santo
Bom que foi D. Bosco
lá no pedestal
tão longe do mal
sorrindo para elas
mesmo que danadas
celebram o reino
qu'Ele anuciou.

3
Nos Caramanchões
de pés ou sentados
o jogo-de-damas
a cerne se torna
dos aposentados
que, na Idade d'ouro,
vão vivendo a vida
qu'o Criador lhes deu.

4
Na tenda o milagre
entre os artesões
fazendo co'as mãos
a magia da Arte
imitando a vida
que ora se traduz
mistérios de Deus
e luz da Criação.

5
A banca do Zé
que cedo madruga
jornais e revistas
o Brasil e o mundo
feitos de notícias
que nós consumimos
do mundo – de fora
do mundo – de dentro.

6
Da vida às delicias
mais doces que o mel
todos encontramos
na Sorveteria "Jardim",
que se destaca
em meio à multidão
dos sabores vários
para se degustar.

7
Nem cá e acolá
é akí-Bom demais
fazendo por nós
tudo de melhor
que igual só há
na Ecotéca banca
com livro na mão
as bênçãos dos céus.

8
Açaí "Quero Mais"
que de longe veio
pra entre nós ficar
trazendo a natura
no meio de nós
que aos sorvos bebemos
o precioso liquido
que nos faz saciar.

9
Pipoca a pular
aos risos do Nunes
com o seu carrinho
que anos ali está
perto do pastel
o caldo de cana
que só o senhor Lima
bem sabe fazer.

10
Nas tardes morenas
de verão o bochorno
que, quente soprando,
traz pardais de volta
em grandes revoadas
para os coqueirais
atalaias inermes
a cidade embalam.

11
O sino na torre
da Igreja São Pedro
na hora de Maria
nossa Mãe querida
nos chama a orar
e a dobrar os joelhos
por tudo o que faz
para nós e o mundo.

12
É assim o Jardim
de cada dia nosso
qu'enfeita a Cidade
que se faz mais Nova
- para os que ficam
- para os que vão...
Sem parar sequer
de fazer história.

VERSOS CONTIDOS

Vilma Cunha Duarte
[Araxá - MG]

De novo esses versos bocejam
Na moleza dos dias sem graça
Entediados
De tanto dormitar no meu peito
Com muitos sentires de ontem
Velhas emoções
Saudade boa tempo de glória
Amor bonito amado intenso
Felicidade
Versos como plantas paridas
Do amor - terra e a semente -
Mudam
De roupa de cor de cheiros...
Versos são volúveis estações
De amor
Têm tantas caras e permeios
Um dia amargos outro de mel
Viver
Livrar versos e soltar amarras
Sentir a paz na energia agora
E amanhã
Gastando o tempo sem penar
Vida é poema novo ... alforria
Hei!
Acorda teus versos sensatos
Ou esses insensatos contidos
No coração.

ALDRAVIAS

Jorge Ventura
[Rio de Janeiro-RJ]

JV-01

teus
olhos
dão
sentido
aos
cristais

JV-06

eu
surto
na
cama
no
kamasutra

JV-03

germino
manhãs
de
sol
colho
primaveras

JV-06

nossa
paixão
um
achado:
estamos
perdidos

UAI, ZÉ - Restaurante e Pizzaria
AVENIDA GETÚLIO VARGAS, 34 - Centro - MARIANA/MG
[Anexo ao Hotel Müller]
FONE: (31)-3558-5109

MC festas & eventos
TRABALHAMOS COM FESTAS EM GERAL
Ofereça o que há de melhor para seus convidados / MARIANA/MG.
FONES: 3557-1883 / 8841-1883 / 8757-1883

INVOCAÇÃO A EROS

J.B.Donadon-Leal
[Mariana-MG]

Convém, Eros, que o meu tempo não passe;
que eu seja ainda hoje o que era ontem,
retrato pra quem os dias não contem,
moldura envolvendo uma mesma face.
Convém, Eros, que Kronos não me leve
viril fervura que ao te ver responde;
das ruas o tempo roubou o bonde...
- meu gozo longo tornar-se-á breve?
Convém que eu me previna, enquanto eu posso,
do tempo, sabido, nada indulgente,
fazendo-o não teu, não meu, mas nosso.
Convém, enfim, mais que nunca, urgente,
que essa cumplicidade (que eu endosso)
mantenha nosso sexo assim tão quente.

EROS, FILHO DE AFRODITE

Lázaro Barreto
[Divinópolis-MG]

Na hora afeiçoada no cordel das madressilvas,
a divindade é parceira de nossa humanidade.
Foi assim
que o Caos gerou a Noite e também o Éter e o Dia,
os quais, em conluio, geraram o Céu cheio de luz
que abençoa a terra,
abrindo nas espumas do mar o nascimento de Afrodite,
mãe da beleza e do prazer e dos amores e das graças e dos jogos e dos risos
e sobretudo de Eros,
imbuido do ávido paladar evocando e contaminando toda a divina
linhagem feminina, no limiar de um mundo caloroso
que criou e educou Minerva, Íris, Hebe, Ártemis,
o corolário de consecutivos diademas
e a penca de seus amores e de suas paixões:
as Ninfas e as Bacantes
(o amor para ser amor precisa ser correspondido
nas asas, nas pernas nos braços e flechas sedutoras);
as nove Musas do Parnaso entre as palmeiras e os loureiros,
as Horas, as Parcas, as Graças, as Nereidas, as Amazonas,
as Sibilas, as Danaides, as Sereias
(as deusas tão humanas,
as humanas tão divinas);
e além das mencionadas as mencionáveis:
Alceste, Ônfale, Alcione, Jocasta, Antigone, Ismênia, Polinice, Ariana,
Fedra, Medeia, Eurídice, Hecuba,
Helena, Clitnestra, Leda, Penélope, Andrômaca, Dido, Cassandra.....

Da aurora auspiciosa à noite dos estrépitos e fulgores,
(no tempo e no espaço,
paralelamente),
os deuses,
inspirados no ávido paladar e na magnífica visão de Eros,
procuravam a encarnação do aroma, a auréola do clímax
(isso desde a aurora auspiciosa até à noite dos estrépitos e fulgores),
na viagem em mão dupla de ambos os sexos,
como se cada um procurasse no corpo do outro
a palavra ideal
que as estrelas diriam se dissessem
(no hermético sigilo de seus pruridos vocabulares)
na configuração ampliada
do universo cordial-afetivo da exposta sensualidade
dos interlúdios nas almofadas das alcovas,
das interferências dos desejos à flor da pele,
as almas corporificadas
nuas
e
nuas
de ambas as partes,
de ambos os lados,
sumamente interligados.

Ele procurando as doces palavras no corpo dela:
as pétalas da corola responsável pela úmida quentura,
as peles e pêlos eriçados no fragor triunfal,
as pupilas piscando, convidativas,
os arcanos entreabertos sugando o mel das orquídeas,
as penas que voam na alacridade do elenco formidável
das miragens,
no olhar interior das bactérias e dos cromossomos
(Ah! Oh! Tudo isso faz lembrar-me do olhar
que era toda a pessoa de Michele Morgan: verdes e tão verdes
na telona do filme noir francês),
lívidos penedos desbeiçando das alturas ignotas,
revelando as feições satisfatórias dos amantes
nos umbrais das felizes uniões de fervores:
as uvas em cachos trançados um pouco acima
do ávido paladar erótico?...
A moderna ressonância das pretéritas mitologias,
a doçura do lirismo,
a quentura da epopéia,
a frialdade distanciando nas esferas de remotos vislumbres,
as palavras chovendo e chovendo e chovendo
das alturas para o dossel do leito dourado,
no meio das nuvens de imagens
e de
metáforas especiais do mais vivo estertor
de uma morte demorada,
de uma súbita ressurreição da extrema lucidez
prenunciando o sono reparador
e
melodioso,
novamente a prelibar a guloseima tão longamente almejada.

MARIANA TURISMO FONES: (31)-3557-2233 // [31]-3557-3899
Rua Frei Durão, nº 114 - Centro/Mariana-MG. // VIAJE COM A MARIANA TURISMO //
Email: agencia.marianaturismo@gmail.com

Eletropolly Ltda. Fone: (31) 3557-2787 Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG
Eletropolly Ltda. Fone: (31) 3557-2787 Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG
Eletropolly Ltda. Fone: (31) 3557-2787 Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

O CONTEMPORÂNEO E A POESIA HOJE: ALDRAVIA

Cínthia Marítz dos Santos Ferraz / Mestranda em Literatura// UFV

A pergunta que prefigura o limiar desta reflexão consiste em: "O que é o contemporâneo?" Por conseguinte, ela se desdobra em: o que significa ser contemporâneo? Este é, então, o "tempo" do nosso pensar e sobre ele precisamos discutir para que entendamos melhor sobre o novo âmbito da poesia atual.

Barthes, numa anotação dos seus cursos no Collège de France, assim resumiu a possível resposta: "O contemporâneo é o intempestivo". Friedrich Nietzsche, à época de 1874, ainda um jovem filólogo, rebatera a consideração de Barthes, situando, na sua exigência de "atualidade", a contemporaneidade numa relação com o presente e não com o passado, como inferira o crítico literário e filósofo francês.

Para Nietzsche, a relação com o tempo deve ser desconexa e dissociada, sendo verdadeiramente contemporâneo e atual, aquele que não coincide perfeitamente com o seu tempo, com as pretensões deste. Contemporaneidade e atualidade são, portanto, termos que exigem, por compreensão, mais do que uma relação diacrônica com o tempo, pois contínuo, ele se esquiva à fôrma e à percepção. Para apreender-lhe minimamente, ao homem, experimentador de seu tempo, será necessária uma nova e singular relação com sua própria época.

Em O que é o contemporâneo e outros ensaios, Giorgio Agamben (2009) contempla uma profícua investigação acerca do problema do tempo e da nossa experiência de tempo, incitando-nos a refletir sobre os usos e as aplicações de "contemporaneidade" e "atualidade" frente ao pensamento e à produção de conhecimento durante o correr deste estudo.

No segundo ensaio que dá título à obra, "O que é o contemporâneo?", o filósofo italiano aponta, inicialmente, uma provisória indicação para orientação sobre os termos, com base em reflexões alçadas por Friedrich Nietzsche em 1874. Corroborando com Nietzsche acerca da relação com o presente, para Agamben (2009), só é verdadeiramente contemporâneo ou atual o homem que não coincide ou não procede perfeitamente com seu tempo e seus aspectos. Isto equivale a dizer que só se pode considerar contemporâneo ou atual alguém que mantenha consciência sobre o tempo cronológico que experimenta em ritmo de observação-reflexão. Este observar, como já fora posto, requer um exercício de deslocamento ou anacronismo do homem para com seu próprio tempo, evidenciando uma ímpar relação entre ambos.

Ao se exteriorizar ou inatualizar, aquele que vive o tempo consegue discernir e escapar às prerrogativas e pretensões de sua época, e, mais capaz que os outros, mantém sobre ela olhar fixo, atento e questionador. O pensamento contemporâneo ou consciência contemporânea significam, portanto, desvencilhar-se das amarras do tempo para, à distância segura, observá-lo, questioná-lo, interpelá-lo.

Estreitando o curso de nossas reflexões com o pensamento literário, Giorgio Agamben propõe uma segunda definição para o termo: "contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro" (AGAMBEN, 2009, p. 62). Introduzindo nova orientação ao termo que designa aquele que observa o seu presente, o investigador nos aponta este homem como alguém que não se deixa cegar pelo incessar do relógio e das vogas que o cerceiam. O pensamento contemporâneo, então, deve buscar compreender não somente as luzes que se acendem à sua volta, mas também as sombras ou penumbras encobertas ou silenciadas pelo seu tempo e pela sua história. É aquele que interpela mais as obscuridades do que as luzes ao seu redor. Ser "contemporâneo" ou "atual" é, neste sentido, pensar de modo intimamente comprometido com seu tempo, percebendo-lhe algo transformador, posicionando-se sobre ele para também transformá-lo; para lê-lo de modo inédito.

O pensamento literário encontra neste horizonte de percepção fecundo e amplo terreno para a produtividade e a potencialização. À maneira como se caracteriza o panorama literário contemporâneo brasileiro de produção do conhecimento, a escrita literária se assume enquanto reempenhamento mediante a pluralidade perceptiva.

Imponderável, intraduzível e impalpável, a temporalidade abandona a referencialidade histórica e, desafio "criativo" para o escritor, se traduz em criação artística que ultrapassa o simples somatório de fontes e influências. A experiência do contemporâneo se transforma em experiência literária a partir do momento em que cessa de se alimentar com símbolos correntes para criar seus próprios símbolos.

A poesia contemporânea brasileira hoje parece-nos traduzir muito bem este movimento do pensar literário ou caráter da ação poética, tendo dentre seus representantes e suas vertentes temáticas, diversos expoentes em destaque como Andreia Donadon Leal, José Benedito Donadon Leal, Gabriel Bicalho e J. S. Ferreira, Messody Benoliel, Luiz Poeta, entre outros, cujos trabalhos se caracterizam pela pesquisa de linguagem, com ênfase nas poéticas inovadoras ou experimentais como o Movimento Mineiro Aldravista, de que são fundadores e principais representantes, que se caracteriza por uma nova forma poética que vem ganhando destaque no país e fora dele. Segundo J. B. Donadon-Leal (2011), o poema é constituído em uma linométrica de até seis palavras, distribuídas em seis versos. Esta escolha, embora aleatória busca a condensação de significados com o mínimo de palavras, conforme o espírito poundiano de poesia, como assinala o também poeta. A poeta Andreia Donandon Leal assim ilustra e ilumina o novo conceito em Germinais de 2011:

"aldravia
poetar
mundo
em
seis
palavras"

"jaz
utopia
na
poesia
da
contemporaneidade"

"difícil
é
ser
poesia
nas
obviedades"

Nestas aldravias, a autora transparece ao passo que elabora a nova consciência em que se caracteriza o ato poético na atualidade, argumentando em seu poema-texto de seis palavras, ser difícil poetar nas obviedades.

CONTINUA NA PÁGINA 7...

RESTAURANTE LUA CHEIA ⇨ Comida a quilo, com churrasco
Rua Dom Viçoso, 53 - Centro - Mariana-MG / CEP 35.420-000 /// Fone: (31) 3557-3232

CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ⇨ FONE: 3557-1130 ⇨⇨⇨
Dras. ELIANE e REJANE BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6...

Observamos assim, que estes poetas contemporâneos captaram perfeitamente a nova postura da ação literária atual e quiseram, alguns, ultrapassar as fronteiras de um conceitualismo poético e estético crescente, advindo da intelectualização e massificação modernas por meio de uma poesia, que, a propósito do próprio nome, que descendente de "aldrava", termo usado para nomear a peça em bronze ou latão fixada na porta de entrada para usar como batedor, viabiliza a contundente e necessária proximidade entre leitor e poesia nestes nossos tempos. A Aldravia possui, portanto, estilo e forma que lhe confere as modernas cores da nossa contemporaneidade, em sua configuração de poesia hoje.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

• AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? IN: _____. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.

• BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. IN: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, 2 ed.

• BICALHO, Gabriel; LEAL, Andreia Donadon; DONADON-LEAL, J. B; FERREIRA, J. S. Germinais - aldravias {nova forma poética}. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2011, 1 Ed.

• BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1993.

• NEJAR, Carlos. Cadernos de Fogo: ensaios sobre poesia e ficção. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

2 TROVAS NATALINAS DE GABRIEL BICALHO

Das esferas siderais,
celebremos com Jesus
os milhares de natais
por um só Natal de Luz!

Natal e loja enfeitada
em nada lembra Jesus:
Jesus viveu sem ter nada,
do berço de palha à cruz!

O JORNAL
ALDRAVA CULTURAL
ENSEJA A TODOS
UM FELIZ NATAL
E UM
PRÓSPERO ANO NOVO
/ REPLETO
DE ALEGRIAS /
DE FRATERNIDADE
E DE PAZ!

QUE EM 2013
ESTEJAMOS TODOS
UNIDOS PELA
CULTURA
/ NO MISSIONÁRIO
SERVIÇO DE
INCENTIVAR A
PRODUÇÃO
LÍTERO- ARTÍSTICA
E A LEITURA /
EM TODO O MUNDO!

ASSIM:

FELIZ 2013!

NATAIS E TAIS
ECO/ALDRAVIAS
// gabriel bicalho //
[Mariana-MG]

gb/04

mais
quantos
pinheiros
aos
santos
Natais?

gb/05

quantas
luzinhas
mais
para
iluminar
Natais?

gb/06

quanto
alimento
santo
lixo
neste
Natal?

gb/07

reciclar
o
presépio
e
renascer
Jesus!

PAULINO CONTABILIDADE ⇨ Téc. Cont. : ⇨ JÉSU PAULINO
RUA MANOEL DA COSTA ATHAYDE, 56 - CENTRO - MARIANA/MG /// FONE 0(xx)(31) 3557-1815

TORNEAMENTOS MARIANA LTDA
Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG
Telefones.:
(31) 3557-2126
(31) 3557-1783

A mão que escreve o texto?

Andreia Donadon Leal
[Presidente da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil]

Quando começo a escrever as primeiras linhas de um texto, às vezes, não sei qual assunto abordar, nem mesmo se devo escrever sobre o que estou pensando, de fato. Sei que cabe ao cronista falar o que está sentido; registrar suas emoções ou as dos outros; escrever sobre fatos e acontecimentos, ou deitar texto que retrate a realidade circundante, com algumas pinceladas de lirismo, jocosidade, ironia, tristeza ou alegria; revitalizando a palavra, desautomatizando-a ou não, da linguagem cotidiana.

Empunho a caneta, fazendo-a vibrar, avançando ou retrocedendo... Minhas mãos deslizam com liberdade sobre o papel, às vezes em forma de punhal, lâmina de estilete, às vezes leve feito pluma. Tento as primeiras linhas para ganhar tempo, criatividade e atiçar o texto a brotar, enquanto minha mão entretém-se rabiscando desenhos. "A mão é que escreve o texto? Ou o cérebro quem dita as palavras que vão compor determinada obra, para as mãos"? Talvez, o cérebro "possua" a mão, para transcrever ideias, sentimentos, sensações, fatos, acontecimentos, etc. A mão dá conta de segurar firmemente ou com delicadeza a caneta, num compasso ritmado e preciso, para não perder o pique; pique similar a de um atleta que corre pelo asfalto, em dias mais friorentos e orvalhados do ano; atleta concentrado e "focado" na profissão; atleta compenetrado em atingir seu objetivo: correr uma maratona, manter a forma, por prescrição médica, para revitalizar o corpo, por prazer ou porque é recomendado para uma vida saudável.

Ter "pique" todos os dias na vida, sem perder ritmo e concentração, é balela. Há dias que levantamos com o pé esquerdo e com um mau humor inexplicável. No entanto, ainda não sei o motivo específico, por que perco de repente o "pique" e o ritmo, para começar o texto, traçar primeiras linhas e desenvolver um assunto. No início parece que há uma pedra no meio do caminho. A mão tenta escrever, o texto fica retido por uma maldita "neblina". Mente e mãos sem inspiração navegam, livremente, até surgirem das sombras as primeiras ideias que gestarão a obra.

Quando a mão começa a rabiscar as primeiras linhas, ela continua prosseguindo, sem interrupções, para dar vida ao texto, que vai sendo tramado, aos poucos. Tendo escrito o primeiro parágrafo, a mão segue adiante, livremente, sem pestanejar. O escritor perde o domínio de "sua mão", que até parece que outra mão escreve por ele, domina e se apodera da caneta. A mão que instiga o cérebro a traçar as primeiras linhas, ou é o cérebro que envia "ondas" de comando, para a mão começar a produzir? Não sei...

A dúvida perdura, mas quando empunho a caneta, fazendo-a deslizar sobre o papel, avançando ou retrocedendo, sei que jamais serei dona de minhas mãos e da caneta, que grafam ondas que, penso, são palavras ditadas pela memória...

Leia:

Ponto de Distribuição do Jornal **Aldrava** Cultural:
Escritório de Advocacia
Roque Camêllo
Rua Guajajaras, 43
Conjunto 104 – Centro
Belo Horizonte – MG
Fone: 3273-9080
(Das 12 horas às 18 horas)

Jornal Aldrava Cultural
[Contatos]

GABRIEL BICALHO
gabicalho@terra.com.br

ANDREIA DONADON LEAL
deiadonadon@yahoo.com.br

J. B. DONADON-LEAL
jbdonadon@hotmail.com

J.S.FERREIRA
jsferreira@bol.com.br

Expediente:

ISSN 1519-9665
jornal aldrava CULTURAL

EM CIRCULAÇÃO DESDE NOVEMBRO DE 2000
E-mail: **jornalaldrava@bol.com.br**
Site: **www.jornalaldrava.com.br**

Editado por:
ALDRAVA LETRAS E ARTES
CNPJ 04.937.265/0001-71

Presidente:
GABRIEL BICALHO
Vice-Presidente:
J.S.FERREIRA
Secretária:
HEBE RÔLA
Diretor de Arte:
CAMALEÃO
Diretora de Projetos:
ANDREIA DONADON LEAL
Conselho Editorial e Fiscal:
J. B. DONADON-LEAL ***/// (Presidente) ///***
ANDREIA DONADON LEAL
GABRIEL BICALHO
GERALDO REIS
HEBE RÔLA
J.S.FERREIRA
JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE SOUZA JR.
Tesoureiro:
J.S.FERREIRA
Jornalista Responsável:
THIAGO CALDEIRA DA SILVA
Reg. Profis.: DRT-MG - 13894/MG
Assessor Jurídico:
GERALDO REIS
Assistência Contábil:
SERVCON - Serviços Contábeis
Webmasters:
RODRIGO MAGNO CAMELO REIS
MÁRCIO JOSÉ BARROS

Endereço do Jornal:
CAIXA POSTAL Nº 36
CEP-35.420-000 = **MARIANA (MG)**

Desenho / Igrejas:
LÉLIO

Revisões e conceitos emitidos em artigos, poemas e colaborações diversas são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

h h h h h

Desenho: ALDRAVA - José Wasth Rodrigues
Impressão : Editora Dom Viçoso - 3557-1233

Montagem / Diagramação: Gabriel Bicalho

NOVOS POSTOS SHELL MARIANA